

Alma esticada

O avião a jato passava todo dia e, na hora, eu e o Seu Ditinho Merenciano parávamos de capinar o milho. Apoiávamos nos cabos das enxadas e ficávamos olhando para cima, mas nunca o víamos, era sempre só o barulho agudo. Nem os do avião podiam ver nós dois enfiados num colinho escondido da Mantiqueira. Durava uns instantes, e depois reinava outra vez o regatinho, os pios no mato, o vento no milho. E minha alma ficava esticada entre a idade média e a pós-moderna, numa passagem maior na aventura humana, como a gente experimenta também ao ver filmes de época ou ao voltar já velhos a lugares da infância e ver as camadas arqueológicas. O tempo é um roteiro melhor do que o espaço. Ainda mais quando o espaço se padroniza.

E o Merenciano prepara o cigarro de fumo de rolo ensejado com a extemporaneidade. E me

conta que havia um fazendeiro para os lados de Itatiaia que quando um caboclo ia lhe pedir serviço perguntava assim:

— Você fuma?

— Sim senhor.

— Cigarro feito na mão ou comprado pronto?

— Feito na mão.

— Então, me desculpe mas você não me serve.

É que o cara ia fumar pelo menos uns cinco cigarros por dia; em cada cigarro ia parar uns cinco minutos para pegar o fumo, desemberlotar, esticar o papel, preparar; e ia parar também para acender o palheiro um monte de vezes. O fazendeiro já contabilizava um prejuízo de meia hora a quarenta minutos por dia. Se fosse cigarro comprado pronto era só meter a mão no bolso, botar na boca e acender. E não apaga sozinho.

Os pilotos de avião a jato não podem fumar nem comprado pronto.

Aquela roça, num suave vale do alto Penedo, invisível da estrada, era de nós dois — mais dele, cujo trabalho rendia o dobro do meu.

À noite, eu passava os dedos nos calos da outra mão, aquelas novidades, e apreciava os instrumentos de trabalho enfiados no caibramento de pau do mato da cobertura dos fundos da minha casa — um machado, uma enxada, um enxadão, uma foice: obras primas do *design* em ferro, extensões do corpo mas ainda muito dependentes do corpo, sem a quase autosuficiência do botão do comando digital. Quanto mais a técnica se emancipa do corpo mais a ética se dilui, mais a moral depende só da consciência — e fica difícil, porque o corpo é importante nessa regulação. Por isso é que a enxada e suas companheiras são mais chegadas à saúde, do homem e da terra, e ao balé. Dois ou três camaradas girando os corpos e jogando as foices nos pés dos paus da capoeira compõem cena mais bonita do que os movimentos nas academias, e do que a marcha uniforme dos tratores da agroindústria.

E eu sou romântico.

Um dia, um dos meus filhos, ainda pequeno, me disse assim: "ô pai, é romântico almoçar ven-

do TV, não é?”. E uns instantes depois perguntou: “ô pai, romântico é o quê?”

O trabalho em geral não é romântico, não dá para ficar olhando avião passar, nem acendendo cigarro de fumo de rolo. Tem que saber lidar com os chefes, ou tem que querer ser o chefe. Tem que cumprir os horários. Tem que se interessar pelos negócios dos outros. É assim, ainda mais na sociedade industrial, o que é que você quer?

Era a tese que o psicanalista desenvolvia comigo no Rio. Foi um cara legal, me ajudou; mais do que um outro, de uma análise de grupo de que eu fizera parte antes. Um dia eu disse a ele que ia parar porque se juntasse aquele dinheiro eu compraria uma terra. Ele ponderou em silêncio mas não teve como não me dar razão.

Anos depois o encontrei, passeando em Penedo, e ele foi ver a pequena pousada — espécie de condomínio de outsiders — onde eu me refugiava em meio a aldeões da roça mineira. Eu lhe disse que ele tinha me ajudado a encontrar meu caminho, mas ele não resistiu ao comentário de que tinha muito mato no entorno da minha casa e do

meu empreendimento — como certa vez também não resistiu uma tia que, juntando as mãos no peito num enlevo, com o único intuito de me agradar, suspirou e disse: “um dia ainda vou fazer uma casa bem vagabundinha assim pra eu morar...”

E vem Seu Ditinho Merenciano entrando pelo meu quintal, me chamando. E eu corro para cortar o seu percurso antes dele chegar próximo ao rio, porque no rio minha mulher está tomando banho pelada com algumas amigas. E ainda por cima tinha sido na casa dele, Merenciano, no começo daquele mês, a última reza para a Santa, a qual minha família comparecera.

— Entra aqui, Seu Ditinho, deixa eu te mostrar uma fotos que nós fizemos lá em Mauá.


Consigo trazê-lo para dentro de casa, abro o albinho de fotos — ainda não havia as digitais — e a primeira foto que nos aparece é da minha mulher pelada no rio de Mauá, brincando com os filhos pequenos.

O gambá e o general


Dormi com um olho desperto. Daquela noite o gambá não passava. O filha da puta vinha comendo as minhas galinhas. Eu tinha feito um galinheiro mas mesmo assim as galinhas amanheciam mortas, encostadas na tela, com o sangue chupado pelo pescoço. Agora eu tinha arranjado uma armadilha com o Jorge Boi, uma gaiolona de madeira com uma ceva dentro; quando o gambá entrasse e metesse a boca na ceva a porta caía e prendia ele.

E foi assim. Quando ouvi o barulho e pulei pra fora de casa tinha um preso, e ainda vi um outro entrando no mato. Eu tinha de matar aquele e deixar a armadilha para o outro. Mas como matar aquele? Dar um tiro ou uma coronhada com a espingarda cartucheira? Podia quebrar a armadilha do Jorge, e eu não tinha coragem de meter o cano ali e fuzilar o bicho à queima roupa, preso.


Levei a armadilha para o rio, deixei ela escorregar para dentro de um pocinho e o gambá



se debateu até a morte. Custei a pegar no sono e sonhei com a cara assustada do General Ednardo D'Ávila falando comigo por uma fresta da porta do seu apartamento do Leme. Ele tinha acabado de ser exonerado do comando do II Exército, após o assassinato do Wladimir Herzog, e me disse apenas que não tinha nada a declarar, sem tirar aquela correntinha que prende a porta. Eu fui embora aliviado por ele não me ter feito entrar, e ele deve ter ficado aliviado porque aquele repórter barbudo podia ser um terrorista.



Desisti de criar galinha, não ia ficar torturando gambá. Mas o Merenciano, seu João Silva e os outros aldeões tinham galinha, e nem galinheiro tinham. Havia sempre uma árvore de galhos esparramados, próxima às casas, com um bom trecho de terreiro limpo em volta; as galinhas em cima e três ou quatro cachorros muito espertos, treinados em caçada de tatu e paca, dormindo em baixo. A área limpa em torno da árvore — meu analista tinha certa razão — e os cachorros mateiros mantinham os gambás longe.



Não é da noite para o dia que se chega da cidade e se adquire os conhecimentos da roça, e a perícia de fazer as coisas com a mão que só sabe pegar caneta, bater à máquina e apertar botão. No primeiro telheirinho que construí, ao lado de casa, para guardar lenha, esquadrejei, finquei os esteios, caibrei com pau do mato, medi a galga das telhas para pregar as ripas na distância certa e comecei a colocar a primeira carreira de velhas telhas francesas, feliz em manusear aqueles objetos de barro cozido, tão bonitos, tão bem en-
genhados, um deles tendo até a inscrição "Marseille" por baixo, atravessou o oceano num navio, cobriu a casa de algum nobre, chegou às minhas mãos sabe-se lá como, e intacta. Pois nessa hora vejo que o Mário do Medeira está rindo de mim lá na estrada. Eu estava começando a primeira fileira com as bicas das telhas viradas para cima. Encaixava-as perfeitamente, namorava cada uma, mas do jeito que estava a água da chuva ia ter de subir ao bater nelas.

A rainha na torre

— Getúlio se suicidou! Getúlio se suicidou!

Eu e meu irmão paramos de brincar para olhar meu pai gritando, transtornado. Ele saíra de dentro de casa e andava pelo pequeno jardim repetindo aquilo. Eu tinha quatro anos e meu irmão cinco. Além de ser mais velho, ele é mais inteligente do que eu, mas não soube responder.

— Rogério, o que é Getúlio?

— Não sei ...

— E se suicidou?

— Também não sei...

Naquele pequeno jardim da frente da casa meu pai um dia reunira a vizinhança para ouvir o Carlos Lacerda. Tenho uma vaga lembrança. Nem tinha tanta gente, porque não caberia. Revi a casa 50 anos depois, abandonada. O quintal dos fundos, onde houvera uma baliza precária, estava um matagal. Ali há uma escada que sobe para a casa onde morava o Seu Brito, um homem que foi e

continua a ser para mim apenas o pai da Minhoca, que se chamava Sônia, de quem ainda tenho uma foto, rindo num aniversário. O que pensava o seu Brito? O que ele fazia? Teria gostado ou não de ver o Carlos Lacerda no quintal do vizinho? Não tenho mais pai nem mãe para apurar as coisas que mais me interessam hoje.

Em frente à casa, do outro lado da Avenida Édson Passos, que acessa o Alto da Boa Vista, a pracinha estava quase igual. Um dia, eu vira um sujeito andar por ali para baixo e para cima e depois cair e ficar estirado em baixo da figueira. Suicidou-se, como Getúlio. Vi também um cara que se masturbava disfarçando com o paletó. Escapei.

Ando pela pequena rua sem saída que ladeia a praça e que agora tem uma cancela. Os declives nas calçadas, em frente às garagens — os mais suaves de cimento, os mais abruptos de pedra —, os conheço muito mais do que ao seu Brito, por causa dos percursos de bicicleta; continuavam iguais, que o cimento e as pedras têm vida sem graça porém longa, como gente que faz muita dieta e não fuma nunca.



No fim da rua, o seu único prédio — de quatro andares, sem elevador — onde morava o Geraldinho, meu melhor amigo de infância, que gostava de conversar comigo no ano em que tive uma infecção na cabeça do fêmur e fiquei todo engessado. Tinha um pedaço de pau atravessado entre as duas coxas para me imobilizar completamente a perna. Fazia as necessidades por um buraco no gesso, que cobria com uma tanguinha, e vivia com uma agulha de tricô da minha mãe para me coçar.



Havia uma mulher limpando o apartamento térreo, onde morava o Pedro Paulo. Fiz a pergunta absurda, se ela conhecia o Pedro Paulo. Não. E no último andar, será que morava um homem chamado Geraldo? Não, no último andar morava só uma velha francesa.



Não era possível. A velha francesa, dona Ivette, que criou meu amigo Geraldinho, já era velha quando a gente era garoto. Não podia estar viva. Num repente, entendi: não era ela, era sua filha Jacqueline, que ela chamava de Jacô e que trabalhava na embaixada francesa. Devia estar na casa



dos 30 anos quando a gente jogava bola nos paralelepípedos da parte mais larga do final da rua, e era uma coisa linda, gostosa, no seu *tailleurzinho* e na sua indiferença altaneira; o encanto que deixava no ar era a única relação que estabelecia conosco.

Toco a campainha referente ao seu apartamento, espero um bom tempo e me surge na sacada uma velha caquética e enrugada, apertando os olhos para tentar enxergar quem está lá em baixo. Era a maravilhosa Jacô. A escritora belga Marguerite Yourcenar tem um livro cujo título é “O Tempo, Esse Grande Escultor”. Grande e impiedoso. Deus, que é o tempo, não tem piedade de nós; rogamos em vão nas igrejas.

Grito para ela que me chamo Gustavo e que fui muito amigo do Geraldinho; que possivelmente ela não lembra de mim.

— Eu lembrara de você! - diz ela com convicção. Esperra; atand...

E desce, numa cestinha presa a uma cordinha, a chave da porta do prédio.

E está tudo igual; os mesmos móveis que elas

provavelmente trouxeram da França por ocasião da segunda guerra, e nos mesmos lugares.

Me mostra um álbum com fotos dos meninos da rua, algumas onde eu estou e que eu nunca tinha visto, e faz comentários precisos sobre o Zezinho não ser um bom garoto e sobre a Alva Luz namorar qualquer um.

E me conta dois episódios trágicos: o nascimento e a morte do meu melhor amigo da infância. Geraldinho era filho de uma empregada que escondera a gravidez e que foi flagrada por dona Ivete tentando matar o recém-nascido; e morreu de Aids porque se tornou viciado em heroína, injetando-se constantemente.

Jacô custa a me deixar ir embora. Vive sozinha e não desce mais as escadas do prédio. Pede tudo pelo telefone. Fica me acenando até eu deixar a rua.

O tempo tinha era que fazer uma mágica, retroceder naquele instante a idade dela em 50 anos e vesti-la com o *tailleurzinho*, mas o tempo não está nem aí pra gente.